

Editorial

Corrupção e prosperidade na grande colméia



Marco Antonio Guimarães da Silva
marco@atlanticaedu.com.br

Assim o vício em cada parte vivia,
Mas o todo, um paraíso constituía;
Temido na guerra, na paz incensado;
Pelos estrangeiros eram respeitados;
E, de riquezas e vida abundante,
Entre as colméias era a preponderante.
Tais eram as bênçãos daquele estado;
Seus crimes tomavam-no abastado;
E a virtude, que como a politicagem
Aprendera bastante malandragem
Tomara-se pela feliz influência,
Amiga do vício; por consequência,
O pior elemento em toda a multidão
Realizava algo para o bem da nação.

O ano chega ao fim. Tinha planos de fugir a regra e fazer um editorial natalino, sem as críticas e reflexões do nosso cotidiano. Não consigo. Diante de tamanha riqueza de fatos na área da corrupção, faço uma releitura da *Fábula das Abelhas*, de onde retirei a epígrafe que abre o presente texto, ensaiando uma tentativa de abordar a atual situação pelo seu avesso ético.

O autor da fábula, *Bernard de Mandeville* (1670-1733) advoga que, se a harmonia de uma partitura é uma combinação de resultados de sons diferentes e, às vezes, opostos entre si, do mesmo modo, uma sociedade, que ele compara ao enxame de abelhas - justamente por seguir caminhos diversificados - termina por se complementar. Essa fábula dá amparo ao provérbio: não há mal que para bem não venha. Para *Mandeville*, os benefícios públicos só provem do mal, ou seja, dos vícios privados. Quanto mais cheios de vícios estejam os componentes de um grupo, maior será a prosperidade desse mesmo grupo. Os vícios particulares dão enorme contribuição para a felicidade pública e os mais corruptos ajudam ao bem comum. O egoísmo, a avareza, a hipocrisia contribuíram mais para o progresso do que a generosidade, a piedade ou o altruísmo. O vício é positivo, a virtude, negativa. Obviamente, *Mandeville* recebeu críticas - destaque para Hume (iluminismo escocês 1711-1776) - mas, de certa forma, a obra contribuiu para fortalecimento de uma moral laica, livre da moral cristã. Alguns autores, que se inclinavam a defender condutas contrárias à ortodoxia (Rousseau, Montesquieu, Sade, etc) também foram influenciados.

Voltemos às abelhas e partamos para a nossa realidade, amparada aqui em um quadro puramente ficcional. Somos muitos milhões de homens abelhas e, claro, formamos uma grande colméia, com uma organização, a princípio, bem distinta dos insetos abelhas. No entanto, podemos dizer que, tal como numa colméia, existem os homens abelhas-sociais, a grande maioria, e os homens-abelhas solitários, uma minoria que foge ao padrão. Ambos formam o contingente de homens-abelhas operários. Aqui, o homem abelha-rainha não necessariamente é uma mulher. Os operários trabalham duro, pagam impostos e geram o que chamamos na colméia de *a coisa*. Além dos homens abelhas operários, há outras classes e sub-classes, devidamente distribuídas nas esferas federais, estaduais e municipais da colméia. O homem abelha-rainha e essas classes e sub-classes, que são eleitas pelos homens abelhas operários, dedicam todo o seu tempo ao gerenciamento *da coisa*, que, de tão farta, consegue manter e dar prosperidade à colméia e ainda enriquece ilicitamente a quase todos os que a gerenciam. Os homens abelhas operários sociais sabem de toda a traquinagem, mas também têm lá a sua porção vil. Cometem ilícitos menores, que, aos seus olhos, são pequenos demais para serem considerados como tal: subornam a abelha guarda da esquina, tentam fraudar concursos, prevaricam, fazem peculato, envolvem-se em concussão, transformam-se em vespas furiosas e assassinas diante um simples jogo desportivo, etc. E, assim, em um mar de indulgências recíproco, levam a vida.

Haveria alguma possibilidade de alteração dessa realidade? É a pergunta que fariam a si mesmo os homens abelhas solitários, aqueles que não compartilham da safadeza vigorante. Sabem que a questão tem um complexo equacionamento e que depende de duas circunstâncias: a difícil regeneração dos homens-abelhas sociais, com a necessidade de várias gerações para que os hábitos culturais profundamente enraizados se alterassem, e as impossíveis mudanças de atitude do homem abelha rainha e das classes e sub-classes cada vez mais ávidas pela *coisa*.

Talvez o mais desanimador e desesperador esteja na possível degradação dos homens abelhas solitários, já que os princípios éticos que os regem podem sofrer a influência do comportamento social majoritariamente vigente.

Para observador externo, a situação da colméia é difícil e parece que a cada dia que passa seus habitantes descem mais um degrau para inferno.

E isso é tudo. Não se desespere agora, porque pode ficar pior!
Feliz Natal e um decente Ano novo.